Para mi madre

1

As festas em casa dos Tuñóns acabavam sempre indiscutivelmente tarde e, uma vez que os convidados gostavam, em especial, de bailes de máscaras, não era incomum ver Chinas Poblanas, com as suas saias folclóricas e fitas no cabelo, a chegar na companhia de um arlequim ou de um *cowboy*. Os seus motoristas, em vez de esperarem em vão no exterior da casa dos Tuñóns, tinham sistematizado as noites. Saíam para ir comer tacos numa banca de rua ou mesmo para visitar uma empregada que trabalhava numa das casas próximas, uma corte tão delicada como um melodrama vitoriano. Alguns dos motoristas juntavam-se e partilhavam cigarros e histórias. Um par deles fazia sestas. Afinal, sabiam que ninguém ia deixar a festa antes da uma da manhã.

Assim sendo, o casal que saiu da festa às dez da noite quebrou, pois, a convenção. O pior era que o motorista do homem tinha saído para ir comprar jantar para si próprio e já não conseguiam encontrá-lo. O jovem parecia nervoso, a tentar decidir como proceder. Tinha posta uma cabeça de cavalo em massilha, uma escolha que agora voltara para o assombrar, porque teriam de percorrer a cidade com aquele adereço

inconveniente. Noemí avisara-o de que queria ganhar o concurso de máscaras, ficando à frente de Laura Quezada e do namorado, e por isso ele fizera um esforço, que agora parecia deslocado, dado que a sua companheira não se vestira como tinha dito que vestiria.

Noemí Taboada prometera alugar um fato de jóquei, que completaria com uma chibata. Era para ser uma escolha inteligente e algo escandalosa, uma vez que ouvira que Laura iria de Eva, com uma serpente enrolada no pescoço. No fim, Noemí mudara de ideias. O fato de jóquei era feio e arranhava-lhe a pele. Portanto, em vez disso, levara um vestido verde com um aplique de flores brancas e não se dera ao trabalho de o avisar da alteração.

— E agora?

— A três quarteirões há uma avenida grande. Podemos encontrar um táxi lá — disse ela a Hugo. — Ouve, tens um cigarro?

— Cigarro? Nem sei onde pus a carteira — replicou Hugo, batendo no casaco com uma mão — Além disso, não tens sempre cigarros na mala? Se não te conhecesse, ia achar que eras forreta e que não os podias comprar.

— É tão mais divertido quando um cavalheiro oferece um cigarro a uma senhora.

— Hoje nem te posso oferecer um rebuçado de mentol. Achas que posso ter deixado a carteira em casa?

Ela não respondeu. Hugo estava a ter dificuldades em carregar a cabeça de cavalo sob o braço. Quase a deixou cair quando chegaram à avenida. Noemí levantou um braço esguio e chamou um táxi. Já dentro do carro, Hugo pôde pousar a cabeça de cavalo no banco.

— Podias ter-me dito que afinal não tinha de trazer esta coisa — resmungou ele ao reparar no sorriso no rosto do condutor e assumindo que ele se estava a divertir às suas custas.

— Ficas adorável quando estás irritado — respondeu ela, abrindo a mala de mão e procurando os cigarros.

Hugo também se parecia muito com um Pedro Infante mais jovem, o que consistia grande parte da sua atração. Quanto ao resto — personalidade, estatuto social e inteligência — Noemí não tinha parado para pensar demasiado em tudo isso. Quando queria alguma coisa, queria-a

e pronto, e ultimamente desejara Hugo, embora, agora que tinha conseguido a sua atenção, fosse provável que o descartasse.

Quando chegaram a casa dela, Hugo estendeu-lhe o braço, agarrando-lhe na mão.

— Dá-me um beijo de boa noite.

— Tenho de ir, mas podes ficar com um bocadinho do meu batom — respondeu ela, pegando no cigarro e pondo-o na boca dele.

Hugo debruçou-se da janela e franziu o sobrolho enquanto Noemí se apressava a entrar em casa, atravessando o pátio interior e seguindo para o escritório do pai. Como o resto da casa, o seu escritório estava decorado num estilo moderno, o que parecia ecoar a novidade do dinheiro dos ocupantes. O pai de Noemí nunca fora pobre, mas transformara um pequeno negócio de corantes numa fortuna. Sabia do que gostava e não tinha medo de mostrá-lo: cores arrojadas e linhas depuradas. As suas cadeiras estavam estofadas com um vermelho vibrante e, em todas as divisões, plantas luxuriantes adicionavam toques de verde.

A porta do escritório estava aberta, e Noemí não se deu ao trabalho de bater, entrando alegremente, os saltos altos a produzir estalidos no chão de madeira. Passou as pontas dos dedos por uma das orquídeas no seu cabelo e sentou-se na cadeira em frente à secretária do pai, com um suspiro alto, atirando a malinha de mão para o chão. Também *ela* sabia do que gostava, e não gostava de ser convocada para casa mais cedo.

O pai acenara-lhe para que entrasse — aqueles seus saltos altos eram ruidosos, assinalavam a sua chegada com tanta clareza como qualquer saudação —, mas não tinha olhado para ela, estava demasiado ocupado a examinar um documento.

— Nem acredito que me telefonou para casa dos Tuñóns — disse ela, puxando as luvas brancas. — Sei que não ficou propriamente satisfeito que o Hugo…

— Isto não é sobre o Hugo — replicou o pai, interrompendo-a.

Noemí franziu o sobrolho. Segurou uma das luvas na mão direita.

— Não?

Tinha pedido permissão para ir à festa, mas não especificara que ia com Hugo Duarte e sabia o que o pai pensava dele. O pai temia

que Hugo pudesse pedi-la em casamento e que ela aceitasse. Noemí não tencionava casar-se com Hugo, e dissera-o aos pais, mas o pai não acreditava nela.

Noemí, como qualquer boa mulher da alta sociedade, fazia compras no Palacio de Hierro, pintava os lábios com batom Elizabeth Arden, era dona de um par de boas peles, falava inglês com notável desembaraço, cortesia das freiras da Monserrat — uma escola privada, claro —, e esperava-se que dedicasse o seu tempo às atividades gémeas do ócio e da caça ao marido. Portanto, para o pai, qualquer atividade agradável deveria incluir a aquisição de um cônjuge. Ou seja, ela nunca deveria divertir-se apenas para se divertir, mas como forma de obter um marido. O que estaria muito bem se, de facto, o pai gostasse de Hugo, mas Hugo era um mero arquiteto júnior e esperava-se que Noemí almejasse mais.

— Não, embora tenhamos de falar sobre isso mais tarde — disse ele, deixando Noemí confusa.

Estava a dançar uma música lenta quando um criado lhe tocara no ombro e perguntara se aceitava uma chamada do Sr. Taboada no escritório, atrapalhando a sua noite toda. Assumira que o pai descobrira que ela saíra com Hugo e que queria arrancá-lo dos seus braços e dar-lhe uma repreensão. Se não era essa a sua intenção, então qual o motivo para tanto alarido?

— Não é nada de mau, pois não? — perguntou ela, mudando o tom. Quando estava zangada, a sua voz ficava mais aguda, mais ameninada, em vez do tom modulado que aperfeiçoara nos últimos anos.

— Não sei. Não podes repetir o que te vou dizer. Nem à tua mãe, nem ao teu irmão, nem a nenhum amigo, percebido? — disse o pai, fitando-a até Noemí assentir.

Ele recostou-se na cadeira, juntando as mãos em frente ao rosto, e assentiu também.

— Há umas semanas, recebi uma carta da tua prima Catalina. Na carta, ela faz alegações desvairadas acerca do marido. Escrevi ao Virgil numa tentativa de chegar ao cerne da questão. O Virgil escreveu a dizer que a Catalina andava a comportar-se de formas estranhas e perturbadoras, mas que acreditava que estava a melhorar. Trocámos

várias cartas, eu a insistir que, se a Catalina estava de facto tão *perturbada* como parecia, talvez fosse melhor trazê-la à Cidade do México para falar com um profissional. Ele contrapôs que não era necessário.

Noemí tirou a outra luva e pousou-a no colo.

— Ficámos num impasse. Não achei que ele cedesse, mas esta noite recebi um telegrama. Toma, podes lê-lo.

O pai agarrou no pedaço de papel sobre a secretária e entregou-o a Noemí. Era um convite para que ela visitasse Catalina. O comboio não passava todos os dias pela sua cidade, mas passava às segundas-feiras, e seria enviado um motorista à estação a certa hora, para a ir buscar.

— Quero que vás, Noemí. O Virgil diz que ela tem perguntado por ti. Além disso, creio que este é um assunto que talvez seja melhor ser tratado por uma mulher. Pode acabar por não ser mais do que exageros e problemas matrimoniais. Não é como se a tua prima não tivesse uma tendência para o melodrama. Pode ser uma tática para chamar a atenção.

— Nesse caso, porque é que os problemas matrimoniais da Catalina ou o seu melodrama têm alguma coisa que ver connosco? — perguntou ela, embora não achasse justo que o pai rotulasse Catalina como melodramática. Ela perdera ambos os pais ainda muito nova. Seria de se esperar uma certa turbulência depois disso.

— A carta da Catalina era muito estranha. Alegava que o marido estava a envenená-la, escreveu que tinha tido visões. Não estou a dizer que sou um médico especialista, mas foi o suficiente para me fazer procurar bons psiquiatras na cidade.

— Tem a carta?

— Sim, toma.

Noemí teve dificuldade em ler as palavras, mais ainda em dar um sentido às frases. A caligrafia também parecia instável, descuidada.

> *… ele está a tentar envenenar-me. Esta casa está doente de podridão, fede a decomposição, transborda de todos os males e sentimentos cruéis. Tentei manter o juízo, manter afastada esta sordidez, mas não consigo e dou por mim a perder noção do tempo e pensamentos. Por favor. Por favor. Eles são cruéis e maldosos e não me largam. Barro a minha porta mas mesmo*

assim eles vêm, sussurram nas noites e tenho tanto medo destes mortos inquietos, destes fantasmas, destas coisas sem carne. A serpente a comer a própria cauda, o chão fétido sob os nossos pés, os falsos rostos e as falsas línguas, a teia sobre a qual a aranha caminha fazendo vibrar os fios. Sou Catalina Catalina Taboada. CATALINA. Cata, Cata vem brincar. Tenho saudades da Noemí. Rezo para voltar a ver-te. Tens de vir buscar--me, Noemí. Tens de salvar-me. Não consigo salvar-me a mim própria por muito que o deseje, estou presa, fios como ferro que me perfuram a mente e a pele e está lá. Nas paredes. Não me liberta da sua prisão por isso tenho de pedir-te que me libertes, que o cortes por mim, que os traves agora. Pelo amor de Deus…

Apressa-te,
Catalina

Nas margens da carta, a prima rabiscara mais palavras, números, desenhara círculos. Era desconcertante.

Quando fora a última vez que Noemí falara com Catalina? Devia ter sido há meses, talvez perto de um ano. O casal passara a lua-de-mel em Pachuca, e Catalina tinha telefonado e enviado um par de postais, mas depois disso pouco mais houvera, embora, mesmo assim, tivessem chegado telegramas a desejar feliz aniversário aos membros da família nas alturas certas do ano. Também devia ter havido uma carta no Natal, porque tinha havido presentes de Natal. Ou teria sido Virgil a escrever a carta de Natal? De qualquer forma, fora uma missiva insípida.

Tinham todos assumido que Catalina estava a desfrutar desse período como recém-casada e que não tinha disposição para escrever muito. Também tinha havido qualquer coisa sobre a sua nova casa não ter telefone, o que não era exatamente incomum no campo, e, de qualquer maneira, Catalina não gostava de escrever. Noemí, ocupada com as suas obrigações sociais e com a escola, limitara-se a assumir que Catalina e o marido acabariam por viajar para a Cidade do México, para uma visita.

A carta que ela tinha na mão era, pois, incaracterística de todas as formas concebíveis. Fora escrita à mão, embora Catalina preferisse a máquina de escrever; divagava, quando Catalina era sucinta por escrito.

— É muito estranha — admitiu Noemí. Estava pronta para declarar tratar-se de um exagero do pai ou um pretexto para a distrair de Hugo, mas não parecia ser o caso.

— No mínimo. Olhando para ela, provavelmente vês por que razão escrevi ao Virgil e lhe pedi que se explicasse. E porque fiquei de boca aberta quando ele me acusou de ser inconveniente.

— O que lhe escreveu, ao certo? — perguntou ela, receosa de que o pai tivesse parecido grosseiro. Era um homem sério e capaz de irritar as pessoas com a sua brusquidão não intencional.

— Tens de entender que eu não teria qualquer prazer em pôr uma sobrinha minha num lugar como La Catañeda…

— Foi isso que disse? Que a levava para o asilo?

— Mencionei-o como possibilidade — respondeu o pai, estendendo a mão. Noemí devolveu-lhe a carta. — Não é o único lugar, mas conheço pessoas lá. Ela pode precisar de cuidados profissionais, cuidados que não irá encontrar no campo. E receio que sejamos os únicos capazes de garantir que os seus melhores interesses são servidos.

— Não confia no Virgil.

O pai soltou uma risada seca.

— A tua prima casou-se depressa, Noemí, e, poder-se-ia dizer, sem pensar. Vê, eu sou o primeiro a admitir que o Virgil Doyle parecia encantador, mas quem sabe se é de confiança.

Tinha uma certa razão. O noivado de Catalina fora quase escandalosamente curto, e tinham tido escassas hipóteses de falar com o noivo. Noemí nem tinha a certeza de como o casal se conhecera, apenas que em poucas semanas Catalina estava a enviar convites de casamento. Até essa altura, Noemí nem sabia que a prima tinha um namorado. Se não tivesse sido convidada a servir de testemunha perante o juiz de paz, Noemí duvidava que tivesse sabido de todo que Catalina se casara.

Tanto secretismo e pressa não tinham caído bem ao pai de Noemí. Ele organizara um pequeno-almoço de casamento ao casal, mas Noemí sabia que ele se ofendera com o comportamento de Catalina. Era outra razão para Noemí não ter ficado preocupada com a escassa comunicação de Catalina com a família. A relação entre eles estava, de momento, gelada. Assumira que derreteria em alguns meses, que,

quando chegasse novembro, talvez Catalina viesse à Cidade do México com planos para compras de Natal e toda a gente ficaria feliz. Tempo, era só uma questão de tempo.

— Deve acreditar que ela está a dizer a verdade e que ele está a tratá-la mal — concluiu ela, tentando lembrar-se da sua impressão do noivo. *Bonito* e *educado* eram as duas palavras que lhe vinham à cabeça, mas tinham trocado pouco mais do que meia dúzia de palavras.

— Ela afirma, na carta, não só que ele está a tentar envenená-la, mas que há fantasmas nas paredes. Diz-me, parece-te um relato de confiança?

O pai levantou-se e foi até à janela, olhando para fora de braços cruzados. O escritório tinha vista para os preciosos arbustos de buganvílias da mãe, uma explosão de cor agora rodeada pela escuridão.

— Ela não está bem, é isso que sei. Também sei que se o Virgil e a Catalina se divorciassem, ele não teria dinheiro nenhum. Ficou bastante claro quando se conheceram que os fundos da sua família tinham secado. Mas enquanto estiverem casados ele tem acesso à conta bancária da Catalina. Seria benéfico para ele mantê-la em casa, mesmo que ela estivesse melhor na cidade, connosco.

— Acha que ele é assim tão mercenário? Que poria as finanças à frente do bem-estar da esposa?

— Não o conheço, Noemí. Nenhum de nós o conhece. Esse é o problema. Ele é um estranho. Diz que ela tem bons cuidados e que está a melhorar, mas, tanto quanto sei, está atada à cama e dão-lhe papas para comer.

— E é ela a melodramática? — perguntou Noemí, examinando o ramalhete de orquídeas no pulso e suspirando.

— Sei como pode ser um parente doente. A minha própria mãe teve uma trombose e ficou confinada à cama durante anos. E também sei que, por vezes, uma família não lida bem com essas coisas.

— O que quer que faça então? — perguntou ela, juntando as mãos no colo num gesto delicado.

— Que avalies a situação. Determina se ela deve de facto ser trazida para a cidade e tenta convencê-lo de que é a melhor opção neste caso.

— Como conseguiria eu uma coisa dessas?

O pai sorriu. No sorriso e nos olhos escuros, inteligentes, pai e filha pareciam-se muito.

— És inconstante. Sempre a mudar de ideias acerca de tudo e mais alguma coisa. Primeiro querias estudar história, depois teatro, depois antropologia. Passaste por todos os desportos imagináveis e não ficaste em nenhum. Sais com um rapaz duas vezes e ao terceiro encontro não lhe devolves o telefonema.

— Isso não tem nada que ver com a minha pergunta.

— Já lá chego. És inconstante, mas és teimosa com todas as coisas *erradas*. Bem, está na altura de usar essa teimosia e energia para seres bem-sucedida numa tarefa útil. Não há nada em que alguma vez te tenhas empenhado, a não ser nas aulas de piano.

— E nas de inglês — contradisse Noemí, mas não se deu ao trabalho de negar o resto das acusações, porque era um facto que circulava com regularidade entre admiradores e que era bem capaz de usar quatro indumentárias diferentes num só dia.

Mas não é como se tivesses de decidir alguma coisa aos vinte e dois anos, pensou. Não valia a pena dizer isso ao pai. Ele assumira os negócios da família aos dezanove. Pelos seus padrões, ela estava num lento caminho para lado nenhum. O pai de Noemí deitou-lhe um olhar incisivo, e ela suspirou.

— Bem, terei todo o gosto em fazer uma visita daqui a umas semanas…

— Segunda-feira, Noemí. Por isso é que interrompi a tua festa. Precisamos de organizar as coisas de modo a estares no primeiro comboio para El Triunfo na segunda de manhã.

— Mas vem aí aquele recital — respondeu ela.

Era uma fraca desculpa e ambos sabiam. Ela tinha aulas de piano desde os sete anos e duas vezes por ano tocava num pequeno recital. Já não era absolutamente necessário que as mulheres da sociedade tocassem um instrumento, como nos tempos da mãe de Noemí, mas era uma daquelas pequenas atividades apreciadas no seu círculo social. Além disso, ela gostava de tocar piano.

— O recital. É mais provável que tenhas feito planos com o Hugo Duarte para assistirem juntos e não queres que ele leve outra mulher

como companhia, nem perder a hipótese de usar um vestido novo. Paciência. Isto é mais importante.

— Para que saiba, nem sequer comprei um vestido novo. Ia usar a saia que usei no *cocktail* da Greta — disse Noemí, o que era metade da verdade, já que planeara, de facto, ir com Hugo. — Ouça, a verdade é que o recital não é a minha preocupação principal. Tenho de começar as aulas daqui a uns dias. Não posso limitar-me a ir assim. Reprovar--me-ão — acrescentou.

— Então que te reprovem. Fazes as cadeiras outra vez.

Estava prestes a protestar contra uma afirmação tão displicente quando o pai deu meia-volta para olhar para ela.

— Noemí, não te tens calado acerca da Universidade Nacional. Se fizeres isto, permitir-te-ei que te inscrevas.

Os pais permitiam que frequentasse a Universidade Feminina do México, mas tinham recusado quando ela declarara que gostaria de prosseguir estudos depois de se formar. Queria fazer mestrado em Antropologia. Isso exigiria que se inscrevesse na Nacional. O pai considerava que era tanto uma perda de tempo como inadequado, com todos aqueles jovens rapazes pelos corredores, a encher a cabeça das raparigas com pensamentos parvos e obscenos.

A sua mãe também ficara pouco impressionada com aquelas ideias modernas de Noemí. Era suposto as raparigas seguirem um ciclo de vida simples, de debutantes a esposas. Estudar mais significava adiar esse ciclo, permanecer uma crisálida dentro de um casulo. Tinham chocado acerca do assunto meia dúzia de vezes, e a mãe, astuta, declarara que competia ao pai de Noemí decretar acerca da questão, enquanto o pai nunca parecia pronto para fazê-lo.

Portanto, a afirmação do pai chocou-a e presenteou-a com uma oportunidade inesperada.

— Está a falar a sério? — perguntou, cautelosa.

— Sim. É um assunto sério. Não quero um divórcio esparramado no jornal, mas também não posso permitir que alguém se aproveite da família. E é da Catalina que falamos — disse o pai, suavizando o tom. — Teve a sua dose de infelicidade e pode precisar muito de um rosto amigo. Talvez seja, no fim das contas, só disso que precisa.

Catalina fora atingida por calamidades em várias ocasiões. Primeiro, a morte do pai, seguida do novo casamento da mãe com um padrasto que muitas vezes a deixava em lágrimas. A mãe de Catalina falecera um par de anos mais tarde, e a rapariga mudara-se para casa de Noemí — o padrasto já se tinha ido embora por essa altura. Apesar do acolhimento caloroso dos Taboada, aquelas mortes tinham-na afetado profundamente. Mais tarde, enquanto jovem mulher, houvera o seu noivado desfeito, que causara muita discórdia e mágoa.

Também houvera um jovem bastante pateta que cortejara Catalina durante vários meses e de quem ela parecia gostar muito. Mas o pai de Noemí afastara-o, pouco impressionado pelo rapaz. Depois daquele romance abortado, Catalina devia ter aprendido a lição, porque a sua relação com Virgil Doyle tinha sido um paradigma de discrição. Ou talvez tivesse sido Virgil a ser mais astucioso e a instar Catalina a manter-se calada acerca deles, até ser tarde demais para impedir qualquer casamento.

— Suponho que podia avisar que vou estar fora uns dias — acedeu.

— Ótimo. Vou enviar um telegrama ao Virgil e dizer-lhe que vais a caminho. Discrição e esperteza, é disso que preciso. Ele é marido dela e tem direito a tomar decisões em seu nome, mas não podemos ficar sem fazer nada se ele estiver a ser imprudente.

— Devia obrigá-lo a pô-lo por escrito, essa coisa da universidade.

O pai sentou-se atrás da secretária outra vez.

— Como se eu quebrasse a minha palavra. Agora vai tirar essas flores do cabelo e começa a fazer a mala. Sei que irás levar uma eternidade a decidir o que usar. Quem é suposto seres, já agora? — perguntou o pai, claramente insatisfeito com o corte do seu vestido e os ombros nus.

— Estou vestida de primavera — respondeu ela.

— Lá faz frio. Se tencionas exibir-te em trajes semelhantes a esse, leva uma camisola — disse ele com secura.

Embora, por norma, tivesse sido capaz de pensar numa resposta perspicaz, Noemí permaneceu invulgarmente calada. Ocorreu-lhe, depois de ter concordado com a iniciativa, que sabia muito pouco sobre o lugar para onde ia e as pessoas com quem iria encontrar-se. Não era nenhum cruzeiro ou viagem por prazer. Mas apressou-se a assegurar

a si própria que o pai a tinha escolhido para aquela missão e que seria bem-sucedida. Inconstante? Bah. Mostraria ao pai a dedicação que ele queria dela. Talvez viesse a vê-la, depois do seu sucesso — porque não se imaginava a falhar —, como mais merecedora e madura.

2

Quando Noemí era pequena e Catalina lhe lia contos de fadas, costumava referir «a floresta», aquele lugar para onde Hansel e Gretel tinham atirado as migalhas ou a Capuchinho Vermelho tinha encontrado um lobo. Ao crescer numa cidade grande, só ocorrera a Noemí muito mais tarde que as florestas eram lugares reais, que podiam ser encontradas num atlas. A sua família fazia férias em Veracruz, na casa da avó, junto ao mar, sem árvores à vista. Mesmo depois de crescer, a floresta permaneceu na sua mente como uma imagem vislumbrada num livro de histórias por uma criança, com contornos a carvão e manchas brilhantes de cor no centro.

Tardou um pouco, portanto, a perceber que ia *entrar* numa floresta, já que El Triunfo se empoleirava na encosta de uma montanha, atapetada a flores silvestres coloridas e densamente coberta de pinheiros e carvalhos. Noemí viu ovelhas por ali e cabras a enfrentar as paredes escarpadas de rocha. A prata oferecera à região as suas riquezas, mas a gordura destes animais, que eram abundantes, ajudara a iluminar as minas. Era tudo muito bonito.

Quanto mais alto subia o comboio e mais se aproximava de El Triunfo, porém, mais a paisagem bucólica mudava, e Noemí reavaliou a sua ideia sobre ela. Ravinas profundas sulcavam a terra, e cristas irregulares pairavam do lado de fora da sua janela. Os regatos encantadores transformavam-se em rios fortes que jorravam, a anunciar a desgraça se alguém fosse arrastado pelas suas correntes. No sopé da montanha, os agricultores cuidavam de plantações e campos de alfafa, mas ali não havia esse tipo de plantação, só as cabras a subir e descer as rochas. A terra mantinha as suas riquezas na escuridão, sem fazer brotar árvores com fruto.

O ar foi-se tornando rarefeito conforme o comboio se debatia montanha acima, até soluçar e parar.

Noemí agarrou nas suas malas. Trouxera duas e sentira-se tentada a embalar também o seu baú favorito, embora, no fim, o tivesse considerado demasiado volumoso. Apesar desta concessão, as malas eram grandes e pesadas.

A estação não era movimentada, e mal era sequer uma estação, apenas um solitário edifício quadrado, com uma mulher meio a dormir por trás da bilheteira. Três rapazinhos perseguiam-se uns aos outros pela estação, a jogar à apanhada, e ela ofereceu-lhes umas moedas se a ajudassem a carregar as malas. Eles aceitaram com satisfação. Pareciam subalimentados, e Noemí perguntou-se como é que os habitantes da povoação sobreviveriam, agora que a mina estava fechada e que só as cabras proporcionavam a oportunidade de um pouco de comércio.

Noemí estava preparada para o frio da montanha. O elemento inesperado foi, pois, a névoa fina que a saudou nessa tarde. Olhou para ela com curiosidade, enquanto ajustava a *cloche* azul-esverdeada com a longa pluma amarela e espreitava para a rua, olhando para a sua boleia, porque não havia grande possibilidade de a confundir. Era o único automóvel estacionado em frente à estação, um veículo absurdamente grande que a fez pensar em elegantes estrelas do cinema mudo de há duas ou três décadas — o tipo de automóvel que o pai teria conduzido na juventude, para exibir a sua riqueza.

Mas o veículo à sua frente estava fora de moda, sujo, e precisava de ser pintado. Portanto, não era realmente o tipo de automóvel que uma

estrela de cinema poderia conduzir nos tempos atuais, mas antes uma relíquia, com o pó limpo ao acaso e arrastada para a rua.

Achou que o condutor podia combinar com o automóvel e tinha a expectativa de deparar com um homem idoso por trás do volante, mas um jovem aproximadamente da sua idade, num casaco de bombazina, saiu lá de dentro. Tinha o cabelo claro e era pálido — ela não se tinha apercebido de que alguém pudesse ser *tão* pálido; Deus, ele alguma vez andava ao sol? —, os olhos incertos, a boca a esforçar-se para formar um sorriso ou uma saudação.

Noemí pagou aos rapazes que a tinham ajudado a trazer cá para fora a bagagem, depois avançou e estendeu a mão.

— Sou a Noemí Taboada. O senhor Doyle enviou-o? — perguntou ela.

— Sim, o tio Howard disse-me para a vir buscar — respondeu ele, sacudindo sem força a sua mão. — Sou o Francis. Espero que a viagem tenha sido agradável? Aquelas são as suas coisas, menina Taboada? Posso ajudá-la com elas? — perguntou em sucessão rápida, como se preferisse terminar todas as frases com pontos de interrogação em vez de se comprometer com afirmações definitivas.

— Pode chamar-me Noemí. Menina Taboada soa tão espalhafatoso. Sim, é toda a minha bagagem, e sim, adoraria uma ajuda.

Ele pegou nas suas duas malas e meteu-as no porta-bagagens, depois deu a volta ao carro e abriu-lhe a porta. A povoação, conforme viu da sua janela, estava semeada de ruas sinuosas, casas coloridas com vasos de flores nas janelas, robustas portas de madeira, longas escadarias, uma igreja e todos os detalhes a que um guia de viagens chamaria «pitorescos».

Apesar disso, era claro que El Triunfo não estava em nenhum guia de viagens. Tinha o ar bafiento de um lugar que definhara. As casas eram coloridas, sim, mas a cor descamava das paredes, algumas das portas tinham sido danificadas, metade das flores nos vasos estava a murchar e a povoação mostrava poucos sinais de atividade.

Não era assim tão invulgar. Muitos locais de mineração outrora prósperos, que haviam extraído prata e ouro durante o período colonial, tinham interrompido as suas explorações depois do eclodir da Guerra da

Independência. Mais tarde, durante o período relativamente pacífico do Porfiriato, os ingleses e franceses foram bem recebidos, os bolsos a inchar com a riqueza da exploração mineral. Mas a Revolução acabara com este segundo fôlego. Havia muitas vilas como El Triunfo, onde se podia ir espreitar as capelas elegantes, construídas quando o dinheiro e as pessoas abundavam; lugares onde a terra nunca mais derramaria riqueza do seu ventre.

E, no entanto, os Doyle permaneciam nesta terra quando muitos outros tinham partido há muito. Talvez, pensou, tivessem aprendido a amá-la, embora ela não estivesse muito impressionada, por ser uma paisagem íngreme e abrupta. Não se parecia nada com as montanhas dos livros de histórias da sua infância, onde as árvores tinham uma aparência encantadora e as flores cresciam na berma da estrada; não se parecia com o lugar deslumbrante onde Catalina dissera que ia viver. Como o carro velho que viera buscar Noemí, a povoação agarrava-se aos restos do esplendor.

Francis meteu por uma estrada estreita que penetrava mais profundamente na montanha, o ar mais rarefeito, a névoa a intensificar-se. Noemí esfregou as mãos.

— É muito longe? — perguntou.

Mais uma vez, ele pareceu incerto.

— Não é assim tão longe — disse Francis devagar, como se discutissem um assunto que tinha de ser considerado com cuidado. — A estrada é má, ou eu ia mais depressa. Há muito tempo, quando a mina estava aberta, as estradas por aqui costumavam estar todas em bom estado, mesmo perto do Lugar Alto.

— Lugar Alto?

— É como lhe chamamos, à nossa casa. E atrás dela, há o cemitério inglês.

— É mesmo muito inglês? — perguntou ela, a sorrir.

— Sim — disse ele, agarrando o volante com ambas as mãos, com uma força que ela não teria imaginado a partir do seu aperto de mão flácido.

— Oh? — disse, à espera de mais.

— Vai ver. É tudo muito inglês. Hum, era o que o tio Howard queria, um pedacinho de Inglaterra. Até trouxe solo europeu para aqui.

— Acha que ele tem um caso extremo de nostalgia?

— Sem dúvida. Mais vale dizer-lhe, não falamos espanhol no Lugar Alto. O meu tio-avô não sabe uma palavra, o Virgil desembaraça-se mal e a minha mãe jamais tentaria alinhavar uma frase. O… o seu inglês é bom?

— Aulas todos os dias, desde os seis anos — disse ela, mudando de espanhol para inglês. — Estou certa de que não terei problemas.

As árvores iam-se tornando mais próximas umas das outras, e estava escuro sob os seus ramos. Noemí não apreciava a natureza, não a verdadeira. A última vez que estivera minimamente próxima de uma floresta fora naquela excursão a El Desierto de Los Leones, quando tinham ido andar a cavalo e o seu irmão e amigos tinham decidido praticar o tiro com latas. Fora há dois, talvez três anos. Este lugar não se comparava. Era mais selvagem.

Deu por si a avaliar com desconfiança a altura das árvores e a profundidade das ravinas. Ambas eram consideráveis. A névoa adensava-se, fazendo-a encolher-se, receosa de que acabassem a meio caminho do fundo da montanha se fizessem a curva errada. Quantos mineiros ansiosos, à caça de prata, teriam caído de um penhasco? As montanhas ofereciam riquezas minerais e uma morte rápida. Mas, embora as suas palavras fossem titubeantes, Francis parecia seguro da sua condução. Por norma, Noemí não gostava de homens tímidos — irritavam-na —, mas quem se importava. Não era como se tivesse vindo para o ver, ou a qualquer membro da sua família.

— Quem é você, afinal? — perguntou, para se distrair da ideia de ravinas e carros a chocar contra árvores ocultas.

— Francis.

— Bem, sim, mas é o primo mais novo do Virgil? O tio há muito perdido? Outra ovelha negra de que eu deva ter conhecimento? — falou daquela forma espirituosa que lhe agradava, a que usava em festas e que parecia fazer com que as pessoas gostassem muito dela, e ele respondeu como ela esperava, sorrindo um pouco.

— Primo em segundo grau. Ele é um pouco mais velho do que eu.

— Nunca percebi isso. Primeiro, segundo, terceiro grau. Quem é que mantém esse registo? Acho sempre que, se vêm às minhas festas de aniversário, somos parentes e chega, não é preciso sacar das árvores genealógicas.

— Sem dúvida que simplifica as coisas — disse ele. O sorriso agora era autêntico.

— É um bom primo? Eu detestava os meus primos rapazes quando era pequena. Empurravam sempre a minha cabeça contra o bolo na minha festa, embora eu lhes dissesse que não queria fazer aquilo da mordida.

— Mordida?

— Sim. É suposto dar uma dentada no bolo antes de ser cortado, mas há sempre alguém que nos enfia a cabeça nele. Imagino que não tenha tido de aturar isso no Lugar Alto.

— Não há muitas festas no Lugar Alto.

— O nome deve ser uma descrição literal — ponderou ela, porque continuavam a subir. A estrada não acabava? As rodas esmagaram um ramo de árvore caído, depois outro.

— Sim.

— Nunca estive dentro de uma casa com nome. Quem faz isso, hoje em dia?

— Somos antiquados — murmurou ele.

Noemí olhou para o rapaz com ceticismo. A mãe diria que ele precisava de ferro na dieta e de um bom pedaço de carne. Pela aparência dos seus dedos finos, sustentava-se a gotas de orvalho e mel, e o seu tom de voz tendia para o sussurro. Virgil parecera-lhe muito mais físico do que este rapaz, muito mais presente. Mais velho, também, como Francis dissera. Virgil tinha trinta e tal anos; tinha-se esquecido da sua idade exata.

Acertaram numa pedra ou nalgum alto na estrada. Noemí soltou um «au» irritado.

— Peço desculpa — disse Francis.

— Não creio que seja culpa sua. É sempre assim? — perguntou ela. — Parece que estamos a conduzir numa tigela de leite.

— Isto não é nada — disse ele, com um riso baixo. Bem. Pelo menos estava a descontrair.

Depois, de repente, tinham chegado, emergindo para uma clareira, e a casa pareceu saltar da neblina para os saudar com braços ansiosos. Era tão estranha! A construção parecia absolutamente vitoriana, com as suas telhas partidas, ornamentação elaborada e janelas de sacada sujas. Nunca vira nada assim na vida real; era tremendamente diferente da casa moderna da sua família, dos apartamentos dos amigos, ou das casas coloniais com fachadas de pedra *tezontle* vermelha.

A casa pairava sobre eles como uma grande gárgula silenciosa. Poderia ter uma aparência agourenta, evocando imagens de fantasmas e locais assombrados, se não parecesse tão cansada, com ripas a faltar em algumas portadas, o alpendre cor de ébano a gemer quando subiram os degraus até à porta, que estava dotada de uma aldraba prateada, com um punho suspenso de um círculo.

É a carapaça abandonada de um caracol, disse a si própria, e a ideia de caracóis fê-la recordar a infância, brincar no pátio da sua casa, afastando os vasos de plantas e vendo os bichos de conta a fugir, a tentarem esconder-se outra vez. Ou dar cubos de açúcar às formigas, apesar das advertências da mãe. E também o gato malhado bonzinho, que dormia debaixo da buganvília e deixava as crianças fazerem-lhe infindáveis festas. Não imaginava que tivessem um gato nesta casa, nem canários a chilrear alegremente nas suas gaiolas que ela pudesse alimentar pela manhã.

Francis tirou uma chave e abriu a porta pesada. Noemí avançou para a entrada, que lhes dava uma vista imediata da escadaria de mogno e carvalho, com uma janela redonda de vitral no segundo patamar. A janela lançava tons de vermelho e azul e amarelo sobre uma carpete verde desbotada, e duas esculturas de ninfas — uma ao fundo das escadas, junto ao corrimão, a outra junto à janela — pareciam guardiãs silenciosas da casa. Junto à entrada, houvera uma pintura ou espelho na parede, e o seu contorno oval era visível no papel de parede, como uma impressão digital solitária numa cena de crime. Sobre as suas cabeças, estava suspenso um candelabro de nove braços, o seu cristal turvo com a idade.

Uma mulher descia as escadas, a mão esquerda a deslizar pelo corrimão. Não era uma mulher idosa, embora tivesse fios de prata no cabelo, o corpo demasiado reto e ágil para pertencer a uma pessoa de idade. Mas o seu severo vestido cinzento e a dureza nos seus olhos adicionavam anos que não estavam incorporados na carne da sua estrutura.

— Mãe, esta é a Noemí Taboada — disse Francis, começando a subir as escadas com as malas de Noemí.

Noemí seguiu-o, sorrindo, e ofereceu a mão à mulher, que olhou para ela como se segurasse um pedaço de peixe com uma semana. Em vez de lhe apertar a mão, a mulher deu meia volta e começou a subir as escadas.

— É um prazer conhecê-la — disse a mulher, de costas para Noemí. — Sou a Florence, sobrinha do senhor Doyle.

Noemí teve vontade de escarnecer, mas mordeu a língua e limitou-se a deslizar para o lado de Florence, acompanhando o seu ritmo.

— Obrigada.

— Administro o Lugar Alto e, portanto, se precisar de alguma coisa deve vir ter comigo. Fazemos as coisas de uma certa forma aqui, e esperamos que siga as regras.

— Quais são as regras? — perguntou ela.

Passaram junto à janela de vitral que, Noemí reparou, mostrava uma flor estilizada, de cores vivas. Fora usado óxido de cobalto para criar o azul das pétalas. Ela sabia essas coisas. O negócio das tintas, como dizia o pai, fornecera-lhe um conjunto infinito de factos químicos que ela, na sua maioria, ignorava, mas que, ainda assim, lhe ficavam na cabeça como uma canção irritante.

— A regra mais importante é que somos gente tranquila e reservada — disse Florence. — O meu tio, o senhor Howard Doyle, é muito idoso e passa a maior parte do tempo no seu quarto. Não deve incomodá-lo. Segundo, estou encarregada de cuidar da sua prima. Ela deve descansar bastante, por isso também não deve incomodá-la sem necessidade. Não se afaste da casa sozinha; é fácil perder-se e a região está repleta de ravinas.

— Mais alguma coisa?

— Não vamos à cidade com frequência. Se tem algo para fazer lá, deve falar comigo e eu peço ao Charles para a levar.

— Quem é ele?

— Um dos nossos empregados. É uma equipa bastante pequena hoje em dia: três pessoas. Servem a família há muitos anos.

Seguiram por um corredor atapetado, com retratos a óleo ovais e oblongos nas paredes, como decoração. Os rostos de Doyle há muito falecidos fitavam Noemí através do tempo, mulheres de touca e vestidos pesados, homens de chapéu alto com luvas e expressões azedas. O tipo de pessoas que poderiam reivindicar um brasão familiar. Pálidos e de cabelo claro, como Francis e a sua mãe. Um rosto fundia-se no outro. Noemí não teria sido capaz de os distinguir mesmo que olhasse de perto.

— Este será o seu quarto — disse Florence, depois de terem chegado a uma porta com uma maçaneta de cristal decorativo. — Devo avisá-la de que não se pode fumar nesta casa, caso partilhe desse vício em particular — acrescentou, olhando para a mala de mão elegante de Noemí como se pudesse ver através dela e para dentro do seu maço de cigarros.

Vício, pensou Noemí, lembrada das freiras que tinham supervisionado a sua educação. Aprendera a rebelião enquanto murmurava o rosário.

Noemí entrou no quarto e olhou para a cama de dossel antiga, que se parecia com algo saído de um conto gótico; até tinha cortinados que se podiam fechar em torno dela, formando um casulo que a separava do mundo. Francis pousou as malas junto a uma janela estreita — essa janela não tinha cor; o vitral extravagante não se estendia aos aposentos privados —, enquanto Florence apontava para o guarda-fatos com uma reserva de cobertores extra.

— Estamos muito cá em cima na montanha. Faz frio aqui — disse ela. — Espero que tenha trazido uma camisola.

— Tenho um *rebozo*.

A mulher abriu uma arca aos pés da cama e tirou algumas velas e um dos candelabros mais feios que Noemí já tinha visto, todo em prata, com um querubim a segurar a base. Depois fechou a arca, deixando os achados no topo.

— A luz elétrica foi instalada em 1909. Mesmo antes da Revolução. Mas tem havido poucas melhorias nas quatro décadas desde então. Temos um gerador que consegue produzir energia suficiente para o frigorífico e para acender algumas lâmpadas. Mas está longe de fornecer iluminação adequada para esta casa toda. Por conseguinte, dependemos de velas e candeeiros a petróleo.

— Nem saberia como usar um candeeiro a petróleo — disse Noemí, com uma gargalhada. — Nunca acampei propriamente.

— Até um simplório consegue compreender os princípios básicos — disse Florence, e continuou a falar, sem dar a Noemí a hipótese de responder. — A caldeira por vezes é caprichosa, e, de qualquer maneira, os jovens não devem tomar demasiados duches quentes; um banho morno servirá para si. Não há lareira neste quarto, mas há uma grande lá em baixo. Esqueci-me de alguma coisa, Francis? Não, muito bem.

A mulher olhou para o filho, mas também não lhe deu tempo para responder. Noemí duvidava que muitas pessoas tivessem a hipótese de dizer uma palavra quando ela estava por perto.

— Gostaria de falar com a Catalina — disse Noemí.

Florence, que devia ter pensado que aquilo era o fim da conversa, já tinha a mão na maçaneta.

— Hoje? — perguntou a mulher.

— Sim.

— Está quase na hora da sua medicação. Ela não ficará acordada depois de a tomar.

— Quero uns minutos com ela.

— Mãe, ela veio de tão longe — disse Francis.

A sua intervenção pareceu apanhar a mulher de surpresa. Florence arqueou uma sobrancelha na direção do jovem e juntou as mãos.

— Bem, suponho que na cidade têm um sentido diferente de tempo, a correr de um lado para o outro — disse ela. — Se tem de se encontrar com ela de imediato, então é melhor vir comigo. Francis, porque não vês se o tio Howard se junta a nós ao jantar? Não quero surpresas.

Florence guiou Noemí por outro longo corredor para um quarto com outra cama de dossel, um toucador ornamentado com três espelhos e um guarda-fatos suficientemente grande para conter um pequeno

exército. O papel de parede era de um azul diluído, com um padrão de flores. Pequenas pinturas de paisagens decoravam as paredes, imagens costeiras de grandes penhascos e praias solitárias, mas não eram vistas locais. Aquilo era provavelmente a Inglaterra, preservada em óleos e molduras prateadas.

Junto a uma janela, fora posicionada uma cadeira. Catalina estava sentada nela. Olhava lá para fora e não se mexeu quando as mulheres entraram no quarto. O seu cabelo arruivado estava preso na nuca. Noemí preparara-se para cumprimentar uma estranha destroçada pela doença, mas Catalina não parecia muito diferente de quando vivia na Cidade do México. A sua qualidade sonhadora estava, talvez, amplificada pela decoração, mas esta era a totalidade da mudança.

— Deverá tomar a medicação daqui a cinco minutos — disse Florence, consultando o relógio de pulso.

— Aceito esses cinco minutos.

A mulher mais velha não pareceu satisfeita, mas saiu. Noemí aproximou-se da prima. A mulher mais jovem não tinha olhado para ela; permanecia estranhamente imóvel.

— Catalina? Sou eu, a Noemí.

Pousou uma mão gentil sobre o ombro da prima, e só então Catalina olhou para Noemí. Sorriu devagar.

— Noemí, vieste.

Noemí parou em frente a Catalina, a acenar com a cabeça.

— Sim. O meu pai mandou-me ver como estavas. Como te sentes? O que se passa?

— Sinto-me horrível. Tive uma febre, Noemí. Estou doente com tuberculose, mas sinto-me melhor.

— Escreveste-nos uma carta, lembras-te? Disseste coisas estranhas nela.

— Não me lembro bem de tudo o que escrevi — disse Catalina. — Tive temperaturas tão altas.

Catalina era cinco anos mais velha do que Noemí. Não era uma grande diferença de idades, mas, quando eram crianças, Catalina tendera a assumir um papel mais maternal. Noemí lembrava-se de muitas tardes passadas com Catalina a fazer trabalhos manuais, a cortar

vestidos para bonecas de papel, a ir ao cinema, a ouvi-la criar contos de fadas. Parecia estranho vê-la assim, apática, dependente de outros quando todos eles tinham dependido dela um dia. Não gostou nada.

— Deixou o meu pai terrivelmente nervoso — disse Noemí.

— Lamento muito, querida. Não a devia ter escrito. Devias ter muito que fazer na cidade. Os teus amigos, as aulas, e agora estás aqui porque eu rabisquei disparates num pedaço de papel.

— Não te preocupes com isso. Queria vir ver-te. Não pomos os olhos uma na outra há séculos. Para ser franca, pensei que por agora já nos tivesses vindo visitar.

— Sim — disse Catalina. — Sim, eu também pensei. Mas é impossível sair desta casa.

Catalina estava pensativa. Os seus olhos, piscinas avelã de águas estagnadas, ficaram mais opacos, e a sua boca abriu-se, como se estivesse a preparar-se para falar, só que não falou. Em vez disso, inspirou, segurou o ar nos pulmões, depois voltou a cabeça e tossiu.

— Catalina?

— Está na hora do seu remédio — disse Florence, marchando para dentro do quarto com um frasco de vidro e uma colher na mão. — Vamos.

Catalina, obediente, tomou uma colher de medicação, depois Florence ajudou-a a deitar-se na cama, puxando-lhe as cobertas até ao queixo.

— Vamos embora — disse Florence. — Ela precisa do seu descanso. Podem conversar amanhã.

Catalina assentiu. Florence acompanhou Noemí de volta ao seu quarto, oferecendo-lhe um pequeno esquema da casa — a cozinha fica naquela direção, a biblioteca nesta outra —, e disse-lhe que viriam buscá-la para o jantar às sete. Noemí desfez as malas, guardou as roupas no guarda-fatos e foi para a casa de banho refrescar-se. Havia ali uma banheira grande, um armário de casa de banho e vestígios de bolor no teto. Muitos azulejos em redor da banheira estavam rachados, mas tinham sido colocadas toalhas limpas em cima de uma banqueta com três pernas e o roupão pendurado de um gancho parecia limpo.

Abriu a mala de mão e vasculhou-a até encontrar os cigarros. Uma chávena minúscula decorada com cupidos seminus serviu de cinzeiro improvisado. Depois de um par de baforadas vagueou até à janela, não fosse Florence queixar-se do pivete. Mas a janela não cedeu.

Ficou ali de pé, a olhar lá para fora, para a neblina.